

**VERSANDO VIAGENS E SERTÕES: SENSIBILIDADE
ROMÂNTICA NAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE
EUCLIDES DA CUNHA**

Nathália Sanglard de Almeida Nogueira *

RESUMO

O presente artigo, ao abordar o tema da viagem e dos sertões na poesia de Euclides da Cunha, procura sondar os traços de sua sensibilidade romântica, expressos, sobretudo, na edenização da natureza. Esses registros da mocidade apontam para imagens pré-dadas pelo Romantismo, que demarcam os contornos de um sertão idílico, avesso ao desvirtuamento ocasionado pela civilização. Longe de apreender Euclides em uma única estética, ou impor-lhe amarras analíticas, objetiva-se, ao resgatar seus poemas, face menos óbvia do autor, explorar a complexidade de seus escritos e de sua trajetória intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, viagem, natureza, romantismo.

ABSTRACT

This paper investigates Euclides da Cunha's romantic sensitivity through the praise of nature in his poetry. Our analysis focuses on his early writings especially the ones that address his voyages and the backlands. Seen as a record of his youth, the poems express a preconceived romantic imagery in which the landscapes are experienced as idyllic scenarios for their distance from the distortion civilization causes. We do not intend to perceive Euclides da Cunha in a single aesthetic form or to constrain his writings to a definite analytical frame. We aim to value his poetry, explore the complexity of his works and examine a less obvious side of his intellectual life.

KEYWORDS: Backlands, voyage, nature, Romanticism.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Campus do Gragoatá, bloco O. Niterói, RJ – Brasil. CEP: 24210-350.

Introdução

Conheces essa doença febril que se apodera de nós nas frias misérias, essa nostalgia do país desconhecido, essa angústia da curiosidade? Há uma região que se parece contigo, onde tudo é belo, rico, tranquilo e harmonioso (...). É lá que se deve ir viver, é lá que se deve ir morrer!

Baudelaire

Ao recuperar os poemas da juventude de Euclides da Cunha, fontes menos perquiridas pela historiografia, este artigo pretende compreender a apreensão da viagem e dos sertões como tema, nas primeiras manifestações de sua trajetória intelectual.

Esses registros, elaborados entre 1883 e 1884, expressavam o encanto com a natureza, em especial a dos sertões, que despontava como espaço simbólico despido da mácula e dos desvios da civilização, como paradigma da singularidade da nação brasileira.

O interesse por esta investigação reside, sobretudo, no desvelar de uma face menos divulgada do autor, tornado célebre pela publicação de *Os sertões*, em 1902, obra consagrada a denunciar o massacre de Canudos, mas profundamente marcada por um traço ambíguo na caracterização das paragens e gentes daquela terra dita ignota. O tom depreciativo, pessimista, determinista e, ao mesmo tempo, empático em relação aos sertões em seu livro mais conhecido não deve obliterar, porém, o fascínio que este cenário lhe provocava na mocidade, em seus flertes como o Romantismo.

O anseio de viagem em sertões que maravilham

Perfazer caminhos, encontrar o outro, descobrir a si. Vaivém no espaço e o presenciar de momentos transitórios. As viagens assumem o significado de propiciar um contato com as coisas do mundo e, por isso, se equivalem a experiências, as quais,

comunicadas a interlocutores ou vertidas em papel, são preservadas e ampliam-se para além dos lampejos dos olhos.

Figura-se, assim, o viandante como um sujeito que, por ter acumulado aprendizado, está apto a tecer histórias e transmitir o vivido. Desta forma, há um imbricamento entre mobilidade e capacidade narrativa, como se depreende em célebre ensaio de Walter Benjamin sobre o narrador: “ ‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Por outro lado, parece ser pressuposto de uma grandiosa trama a sensação de “não estar de todo” (SÜSSEKIND, 1990, p. 21), de desenraizamento, deflagrada por estas travessias e passagens.¹

No final do século XVIII e meados do XIX, as viagens ganharam contornos de empreendimento científico, cujo intento, inserido no ideário iluminista, era a produção de conhecimento acerca dos distintos povos, suas peculiaridades e natureza. As expedições realizadas neste contexto impulsionaram, sobretudo, os europeus a embrenharem-se na vastidão de terras incógnitas e remotas, a fim de lhes coletar dados físico-geográficos, sociais e culturais. O olhar municiado dos naturalistas em movimento e dos artistas que os acompanhavam atendia aos anseios organizadores e classificatórios enciclopedistas, correspondendo a um projeto epistemológico de deciframento do outro.² Cruzar territórios implicava, pois, agregar saberes acadêmicos, promover a educação dos cidadãos, alavancar os índices de progresso e civilização, motivos pelos quais as viagens eram estimuladas pela política dos Estados europeus.

A perspectiva instrutiva destes deslocamentos, traduzida em lições de história e ciência, explica, em parte, a atenção que seus relatos suscitaram no público letrado. Ademais, a possibilidade de aproximar-se do diferente, por intermédio da leitura de notícias alheias sobre o desconhecido e, por conseguinte, de experienciar sem uma presença e encantar-se sem um “estar lá” contribuía para a repercussão do gênero. Não eram desinteressadas, portanto, iniciativas como a de elaboração da *Bibliothèque*

¹ Segundo Walnice Nogueira, em alusão a V. I. Propp, “sem afastamento, ou seja, sem viagem, não há épica”. Cf.: GALVÃO, 2002, p. 163.

² Sobre o cunho investigativo que as viagens adquiriram entre o último quartel do século XVIII e início do XIX, em oposição à perspectiva anterior, notadamente colonialista e exploratória, cf.: FERREIRA, 2012, p. 58-62; GUIMARÃES, 2000.

Universelle des Voyages, publicação principiada em 1833, conforme se nota nas palavras de seu editor, citado por Manoel Salgado:

As viagens são a escola do homem, ele não dá um passo sem aumentar os seus conhecimentos e ver recuar diante de si o horizonte. À medida que avança, seja através de observações próprias, seja lendo os relatos de outros, ele perde um preconceito, desenvolve o espírito, apura o gosto, aumenta a sua razão acostumando-se ao altruísmo. E tanto por necessidade quanto por justiça em relação à humanidade, sente-se a cada vez impelido a se tornar melhor, dizendo a si mesmo segundo o filósofo inglês Tolland: o mundo é a minha pátria, e os homens são meus irmãos (GUIMARÃES, 2000).

O trecho acima mencionado corrobora a constatação de que às viagens era imputada uma concepção de aprendizagem via experimentação. Contudo, por vezes, apenas era referido como autêntico o server da realidade operado diretamente, através da observação pessoal e intransferível. Era o caso, por exemplo, do elogio de Rousseau, em *Emílio ou Da educação*, à empiria, ao estabelecimento de uma relação estreita com a natureza circundante e à dispensa das mediações e representações, no processo educacional.³

No plano da literatura, igualmente se atribuía um potencial de alargamento dos horizontes às viagens. Entretanto, como assinala Flora Süssekind, se nas empreitadas científicas, os sujeitos partiam intelectualmente constituídos, dispostos apenas a averiguar e expandir suas habilidades e domínios, nos romances de formação, as personagens em trânsito visavam a satisfazer uma expectativa de instrução, de aprimoramento espiritual e moral, proporcionados pelo diálogo com o mundo (SÜSSEKIND, 1990, p. 110). No *Bildungsroman*⁴, compreendido como o romance em que os caminhos e descaminhos por que passam o protagonista, longe de serem aleatórios, representavam um processo de autodescobrimento e orientação no mundo, o percurso auxiliava a despertar o conhecimento de si e a consciência do engastamento do homem no tempo, de sua existência eminentemente histórica (QUINTALE NETO, 2005, p. 187). Deste modo, simultaneamente à formação interior do protagonista, nos

³ Neste sentido, cf.: PAIVA, 2007; ROUSSEAU, 1973; SÜSSEKIND, 1990, p. 48; 77-78.

⁴ De acordo com Wilma Maas, a criação do termo *Bildungsroman*, empregado pela primeira vez por Karl Morgenstern em 1803, aponta para o processo de aperfeiçoamento do indivíduo burguês nas circunstâncias específicas do processo histórico e político da Alemanha dos últimos trinta anos do século XVIII. Cf.: MAAS, 2006.

passos de sua trajetória, se opera a formação do próprio mundo, entroncando-se, pois, a evolução do homem e a evolução do tempo histórico real. (DUARTE, 2011, p. 59-69).

Por seu turno, rumos erráticos também povoaram a imaginação dos românticos, porém acrescidas de uma nota de escapismo no tempo e no espaço. A negação da realidade prosaica apontava para uma aversão ao ambiente civilizado burguês e aos inconvenientes do incremento industrial, a qual culminava em um abandono nostálgico do presente em direção ao passado, ou em uma evasão ao seio da natureza, pura e materna. Assim, no Romantismo, era recorrente a representação de figuras que, insatisfeitas com o sedentarismo, lançavam-se para novos perímetros e, convertidas em andarilhos, procuravam um país, um recanto dos sonhos.

As linhas em digressão acima traçadas permitem desvendar os múltiplos sentidos conferidos ao tema da viagem na biografia e na obra de Euclides da Cunha. As andanças almeçadas ou efetivadas foram objeto de poemas, cartas, artigos e contos, da juventude aos instantes que precederam sua morte trágica⁵. Apareceram, todavia, embaralhadas: de fuga do real prático, em especial, em sua poesia, à fonte de pesquisa, por meio da leitura de viajantes ou de suas próprias jornadas pela imensidão da *terra brasilis*; de obrigação patriótica de desbravar a nação à conformação de caráter e provação nas adversidades.

Nascido em 20 de janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, município de Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro, Euclides da Cunha, após poucos meses, passou algumas temporadas em Teresópolis, para desfrutar de um clima mais favorável ao tratamento da tuberculose de que ele e sua mãe eram portadores. Quando jovem, acostumou-se a lares efêmeros e chegou a morar em Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro e Salvador. Depois, exigências profissionais ou outros volteios do destino ocasionaram novas mudanças, resultando em sua estada em Campanha, cidade ao sul de Minas Gerais, São Paulo, Canudos, São José do Rio Pardo, Santos e Manaus.

Os primeiros registros de Euclides expressavam o inquietar-se de um espírito andejo. Apesar da convenção da não-correferencialidade entre poeta e eu-lírico, não é aleatória a constância da tópica da viagem em seu caderno de 78 poemas e 13 notas, intitulado *Ondas*, escrito entre outubro de 1883 e julho de 1884, ao término do qual

⁵ Euclides morreu em tiroteio com Dilermando de Assis, em 15 de agosto de 1909. Cf.: VENTURA, 2003.

Euclides tinha 18 anos, conquanto, na capa do mesmo, mais tarde adicionaria ter 14 e 15 anos⁶. Logo no título, de acordo com Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman, menos do que evocar o mar, Euclides sugeria a fluidez e a volubilidade, em oposição ao estático (CUNHA, 2009, p. 29-30). Isso se ratifica, como se verá à frente, em sua preferência não pela praia, ou pelo litoral, mas por sua alteridade, o sertão.

Aqui, para pensar esses poemas como fonte para a história e justificar seu emprego neste artigo, assume-se a premissa de que a literatura opera uma representação da condição do homem, enredado social e politicamente. Não se trata, pois, de opor a literatura à realidade, deslocando-a para o espaço simplista da fantasia, nem de transformá-la em seu decalque, mas de buscar compreender como seu esforço de representar a realidade corresponde à representação da historicidade da experiência de estar no mundo. Esta orientação teórica ganha ainda mais sentido, caso se dimensione a perspectivação do contexto social em que Euclides escreveu seus poemas: no século XIX, a consciência da pertença inescapável ao tempo histórico desdobrava-se numa distinta reflexão da história na literatura, em que aquela deixava de ser mero pano de fundo, para se tornar ela própria um motivo de representação (AUERBACH, 2009).

Assim, no caso de Euclides, almeja-se torcer este eu-lírico, para sondar mais do que uma ficção, uma *persona*, mas para desvelar o engastamento no tempo deste homem que, ao falar, deixa entrever um pouco da sua experiência de estar no mundo.

Deste modo, neste caderno, Euclides delineava para si a imagem de um escritor arrebatado pelos instantes, cujos versos ágeis e pretensamente livres seriam sintomas de sua efusão e torrencialidade, característica à qual retornava constantemente, quando se analisa sua correspondência ativa.

Leitor de Gonçalves de Magalhães e de outros letrados centrais para o Romantismo no Brasil, como Gonçalves Dias e Fagundes Varela, aos quais dedicou alguns de seus poemas⁷, incorporou em sua poética algumas opções estéticas da época, tais como o enlace com a história, o tom nostálgico e o descritivismo da paisagem.⁸

⁶ Na abertura de *Ondas*, segue a anotação: “Eu tinha 15 anos. Contém, pois, a tua ironia, quem quer que sejas”. E, no frontispício original, também à mão: “14 anos de idade. Observação fundamental, para explicar a série de absurdos que há nestas páginas”. Sabe-se, no entanto, que, à época, a idade de Euclides era outra. Uma hipótese não confirmada seria que esta datação eximi-lo-ia de certa puerilidade de sua poesia.

⁷Euclides empregou algumas linhas de Gonçalves de Magalhães como epígrafe ao seu poema *Fazendo versos* (1886), no qual se percebe, a partir do elogio à espontaneidade da escrita e da expressão de

Quanto às travessias pela história, podem ser brevemente citados os poemas *Tiradentes*, *Dantão*, *Marat*, *Robespierre*, *Saint-Just*, *Eu sou republicano*, *A queda da Bastilha*, *Cenas da escravidão*, *Madame Roland*, *Obscurii lucis (Os Farrapos)*, nos quais, ao entoar sua apologia às lutas republicanas, seus ataques à monarquia, seu repúdio ao regime escravocrata e uma louvação de heróis nacionais e de grandes feitos das personagens da Revolução Francesa, Euclides deixava desvelar as inclinações ideológicas de um jovem estudante, tocado por preleções de história e por poetas como Victor Hugo, Lord Byron e Castro Alves, leituras que perpassavam sua rede de sociabilidade, no Colégio Aquino⁹.

No que tange aos versos que evocavam a nostalgia, processava-se uma viagem no tempo. A percepção de sua volatilidade, embebida de elementos passadistas e de uma saudade irrefreável da infância, se desnuda nas estrofes abaixo selecionadas de *Tristeza e Uma tela do Passado*:

E é nessa hora, a delirar- cansado -
- Preso nas sombras de um presente escuro -
- E sem sequer um riso em lábio amado -
Que eu choro -, triste, os risos do passado,
Que eu adivinho os prantos do futuro!... (CUNHA, 2009, p. 75)

Passaram-se dous anos
Quando por fim voltei da insípida cidade
Senti - triste - se erguer dos passados arcanos
De minh'alma - a saudade...
Senti no coração uma agonia estranha...
- Marchei para a montanha, -
O passo trêm'lo, incerto
- Trazendo o abismo aos pés, na frente a imensidade –
Cheguei... tudo deserto!
Um rígido desmaio
Torceu-me a alma ao ruir de todos os sonhos meus...
Ó santa habitação – ‘stavas perto de Deus
‘Stavas perto do raio!... (CUNHA, 2009, p. 192-193)

sentimentos do eu-lírico, a sua profissão de fé romântica. Por seu turno, Fagundes Varela aparece nas epígrafes de *Fatalidade* e *A estátua equestre*, bem como no poema a ele dedicado, *Varela*. O outro poeta foi homenageado em *Gonçalves Dias (ao pé do mar)*. Cf.: CUNHA, 2009, p. 60, 87, 114, 170, 420.

⁸ A respeito das opções estéticas dos românticos no Brasil, em especial entre os primeiros, nas décadas de 30 e 40 do século XIX, ver: SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p.18-19.

⁹ Acerca do período de Euclides no Colégio Aquino, o qual preparava para o ingresso nas escolas de ensino superior no Império, como a Politécnica e a Militar, cf.: VENTURA, 2003, p. 41-48.

Neste último poema, afastar-se da “insípida cidade” e beirar a natureza são condições para uma epifania. Há, aqui, como em tantos outros textos de Euclides, um *fugere urbem* impregnado a revelar uma inadequação aos ditames civilizacionais. Acossado pelo convívio urbano e pelos avanços técnicos, a postura romântica euclidiana enxergava com amargura e melancolia o embate entre o progresso e a natureza não lapidada, com o predomínio daquele na domesticação das paisagens.

No artigo *Em viagem*, publicado no jornal *O Democrata*, em 4 de abril de 1884, Euclides discorreu sobre a beleza do entorno do Rio de Janeiro, embrutecida pelos artifícios implantados em nome do desenvolvimento:

(...) uma idéia triste nubla-me este quadro grandioso – lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza... Uma ruga sim, sim!... Ah! Tachem-me muito embora de antiprogredista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: – o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vêm o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! (...) Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor! (CUNHA, 1996, p. 567)

Essa apreensão reminiscente e edênica da natureza não foi, contudo, inaugurada por Euclides da Cunha. O deslumbramento com a vegetação, as águas e o céu e o ensejo para cantá-los faziam parte do ideário artístico romântico, empenhado em gravar a cor local nas primeiras manifestações literárias do Brasil como nação.

A tematização do espetáculo da natureza americana já havia sido apregoada nas formulações de Ferdinand Denis, em seu *Resumo da história literária do Brasil*, publicado em 1826, alicerce crucial para o programa do Romantismo nos trópicos, e deixou rastros em um processo cultural que, ao desencadear a individuação das letras pátrias, objetivava forjar um universo simbólico para a nacionalidade brasileira.¹⁰ Seus passos foram seguidos por Domingos José Gonçalves de Magalhães, um dos fundadores da *Revista Niterói*, lançada em 1836, cujo primeiro volume contava com seu *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*¹¹. Neste texto, Gonçalves de Magalhães

¹⁰ Para o papel da escrita da história e da literatura românticas na construção da identidade nacional, ver: GUIMARÃES, 1988, p. 5-27. Sobre a tematização da natureza como pressuposto para a originalidade das letras no Brasil, no século XIX, ver: SCHWARCZ, 2003, p. 6-29.

¹¹ Este ensaio seria recuperado por Gonçalves de Magalhães, quase 30 anos depois da *Revista Niterói*, e republicado, em 1865, sob o título *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*. A respeito da *Revista*

sustentava que a essência da nacionalidade deveria decorrer da influência da natureza brasileira e de sua capacidade de imprimir um temperamento nacional e atuar como inspiração para uma literatura própria.

Euclides parece ter absorvido esses ensinamentos, ao eleger a natureza como sua verdadeira musa, como espaço genuíno, onde o exercício da liberdade seria mais pleno e o eu-lírico poderia se desprender das rédeas da civilização. A viagem, por propiciar esse contato, se apresentava como remédio para o *mal du siècle*¹² e seu sonho de refúgio se direcionava, especificamente, aos sertões. Por isso, essas paragens são tão frequentes no caderno *Ondas*, convertidas, ora em desertos, ora em florestas, nas quais abundavam água e beleza. De certa forma, coincidiam no poeta e no eu-lírico o fascínio de quem idealiza de longe, o encantamento apartado de um “estar lá”. Abaixo, algumas estrofes de *Eu quero...* e *Na selva*:

Eu quero à doce luz dos vespertinos pálidos
Lançar-me, apaixonado, entre as sombras das matas
Berços feitos de flor e de carvalhos cálidos
Onde a poesia dorme, aos cantos das cascatas...
(...)
Eu quero, da ingazeira erguida aos galhos úmidos,
Ouvir os cantos virgens da agreste patativa...
Da natureza eu quero nos grandes seios tímidos
Beber a Calma, o Bem e a Crença – ardente, altiva –
Eu quero, eu quero ouvir o esbravejar das águas
Das asp’ras cachoeiras que irrompem do sertão...
- E a minh’alma, cansada ao peso atroz das mágoas,
Silente dormir no colo da soi’dão... (CUNHA, 2009, p. 66-67)

Ir lá bem longe – nos seus seios flóridos
Divinos – cheios de uma vida imensa
Beber, trememente delirante e ávido
- Uma outra vida – inspiração e crença...
(...)
E quero, apenas, na floresta extático
Ouvir cantar as juritis agrestes!...
(...)
Longe dos homens, de seus vis escárnios (CUNHA, 2009, p. 109-110).

Niterói, fundada, além de Gonçalves de Magalhães, por Francisco de Sales Torres Homem e Manuel Araújo Porto Alegre, cf.: FRANCHETTI, 2006, p. 113-130; GONÇALVES, 2009, p. 427-463.

¹² O pessimismo que se irradiava em algumas obras dos primeiros anos do século XIX deu origem ao que mais tarde seria denominado *mal du siècle*. De acordo com André Sena, trata-se de uma fratura ao Romantismo idealista, norteado pelo signo da esperança e do sublime, uma vez que o *mal du siècle* era sinônimo de uma fragmentação do ideal, de uma fissura para a apatia, o desespero e o niilismo, associados às representações melancólicas literárias. Cf.: SENA, 2010, p. 231-390.

A natureza glorificada era, pois, desenhada na contramão dos vícios da cidade. Poeta dos ermos, Euclides dirigia seus devaneios escapistas aos sertões, onde a solidão do “eu” encontrava as solidões interiores do país. Precisamente no poema *Depois do trabalho*, o eu-lírico exaltou não só o meio, mas também sua gente laboriosa, que, apesar da feição grosseira, era íntegra e digna. Atente-se:

Era um quadro divino – o sertanejo rude
A frente – aonde nunca ardeu do mal a febre,
De suores coberta - , as pér’las da virtude, -
Erguento caminhou ao mísero casebre... (CUNHA, 2009, p. 101)

Deste modo, tracejava-se um perfil do sertanejo como virtuoso, emblema da correção moral. Esta perspectiva ressoava a dicotomia entre vida civil e natural, defendida por Rousseau, da qual o homem mais próximo desta última despontava como modelo lógico moral a ser seguido. Ao contrapor o “bom selvagem” à experiência ocidental, o filósofo genebrino, simultaneamente, refletia sobre os reveses do progresso e oferecia a possibilidade de um desvio ao acesso supostamente incontornável ao “estado de civilização”.¹³

O enaltecimento do sertão e dos valores de seus habitantes não se restringiu, no entanto, aos poemas da juventude de Euclides. Em suas correspondências, Euclides abre-se para seus interlocutores¹⁴ como um sujeito que aspira a desfrutar da companhia “mais feliz” dos sertanejos e a encetar viagens que o conduzissem para os desertos brasileiros, mais originais que as cópias mal engendradas da Europa, nas zonas urbanas.¹⁵ É possível entrever essa idealização na carta, datada de abril de 1896, ao

¹³Para os sentidos do estado de civilização em Rousseau, cf.: ROUSSEAU, 1978; SCHWARCZ, 2011, p. 47-54.

¹⁴Aqui, assume-se a perspectiva teórica segundo a qual “a escrita das cartas contribui tanto para a objetivação quanto para a introspecção, sendo que esta não ocorre no sentido da decifração de si pelo indivíduo que escreve, mas na abertura de si para o outro. A correspondência pode ser vista, portanto, como um lugar de subjetividade e de sociabilidade, pois ela permite a construção e transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas. Por meio dela, eles podem estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas.” Cf.: GONTIJO, 2013, p. 184.

¹⁵ Para uma referência positiva dos sertanejos e críticas ao meio civilizado, consultar as seguintes cartas: “A Porchat – Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1892”; “A Porchat – Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1983”; “A José Veríssimo – Guarujá, 6 de setembro de 1904”; A José Veríssimo – Guarujá, 24 de junho de 1904”; “A Domício da Gama – Manaus, 1905 (sem indicação de dia e mês)”. Cf.: GALVÃO; GALLOTI, 1997, p. 37-38, 57, 230, 207-208, 255.

médico Bueno Brandão, a quem conheceu quando morou em Campanha: “Este dia 28 de abril tem ainda para mim a qualidade de recordar a minha chegada nesta formosa Campanha, aonde fui parar bruscamente, deixando o seio impuro de uma velha capital em desordem pela sociedade mais nobre do sertão” (GALVÃO; GALLOTI, 1997, p. 95).

Se os delineamentos do sertão não se isentariam de contrastes na produção de Euclides, oscilando, constantemente, entre cenário onírico, sobretudo nos poemas da mocidade, e espaço sublime e conflitante, a partir do recrudescimento de leituras científicas, as menções às viagens e à intenção de percorrer o país, por seu turno, gravaram-se de maneira regular em muitos textos do autor. Seu ímpeto de peregrino, modo como chamava a si mesmo, justifica as numerosas referências a sua existência árabe, a sua profissão errante¹⁶ e esclarece o motivo por que, mesmo após sua ida a Canudos e o sucesso obtido com a publicação d’*Os sertões*, em 1902, Euclides perseverava na empreitada de lançar-se Brasil adentro, mormente, à região amazônica, candidatando-se, inclusive, à missão de reconhecimento do Alto Purus, em 1904.

Para Walnice Nogueira, a vontade de internar-se pelo país consubstanciava um dever patriótico que contribuía para o processo de configuração de caráter do próprio autor-viajante. Nogueira recupera Antonio Cândido, para quem a literatura brasileira do século XIX assumia a feição de forte devoção à pátria. Logo, no caso de Euclides, tratava-se de um compromisso de conhecer a nação, em uma aventura varonil, e trazer, para o litoral, notícias sobre as maravilhas da paisagem e sobre sua gente esquecida, os rudes patrícios da *terra brasilis* (GALVÃO, 2002, p. 169, 170).

Declarando sua insatisfação com o mundo urbano, sempre oposto à pureza acolhedora da natureza, suas hesitações entre melancolia e otimismo e sua “perpétua ânsia do belo”¹⁷, Euclides dizia ser um romântico incorrigível e quase extemporâneo, como na carta a Oliveira Lima, em maio de 1908:

¹⁶ Em suas cartas, eram comuns essas alusões ao seu estilo de vida nômade. Euclides chegou a se comparar a Judas *Ahsverus*, por acreditar estar condenado a vagar, eternamente: “A João Luís – São Paulo, 19 de novembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 8 de dezembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 23 de abril de 1896”. Cf.: GALVÃO; GALLOTI, 1997: 89-90, 90-91; 92-94.

¹⁷ “A Escobar – Lorena, 27 de novembro de 1903.” Cf. GALVÃO; GALLOTI, 1997, p. 191.

Reivindico (...) o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários. Julgo, entretanto, que hei de me arrepender muito, mais tarde, desta vaidade... Em todo caso, se no decorrer deste ano não se me abrir de novo a trilha do deserto, terei de dar outro rumo à vida... (GALVÃO; GALLOTI, 1997, p. 362-363)

Considerações finais

Ao abordar o tema da viagem e dos sertões na poesia de Euclides da Cunha, procurou-se sondar os traços de sua sensibilidade romântica, expressos, sobretudo, na edenização da natureza. Esses registros da mocidade apontam para imagens pré-dadas pelo Romantismo, que demarcaram os contornos de um sertão idílico, avesso à decrepitude atribuída às forças da civilização. Longe de apreender Euclides em uma única estética, ou impor-lhe amarras analíticas, objetivou-se, ao resgatar seus poemas, face menos óbvia do autor, explorar a complexidade de seus escritos e de sua trajetória intelectual. Assim, rastrearam-se, em algumas das leituras por ele empreendidas, nas expectativas inscritas em sua poética e nas construções de uma imagem de si em suas correspondências, pistas para delinear uma apreensão de sertão como domínio das virtudes, como espaço do maravilhoso, para onde, em viagem, deveria evadir-se, cruzando solitárias veredas.

Fontes

CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. I, 1996.

CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, Maria de Simone. *Museus imperiais: uma viagem às Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

FRANCHETTI, Paulo. “Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil”. In: *Revista de Letras*, São Paulo, vol. 46, jul./dez. 2006, p. 113-130.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Anseio de amplidão”. In: *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA*. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, números 13 e 14, dezembro de 2002.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduos e nação no Romantismo brasileiro.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.) In: *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 427-463.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5-27.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 7, nº 2, Rio de Janeiro, julho/outubro, 2000.

GONTIJO, Rebeca. “Um mapa da correspondência”. In: *O velho vaqueano*. Capistrano de Abreu: memória, historiografia e escrita de si. Rio de Janeiro: 7Letras / Faperj, 2013.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. “O *Bildungsroman* no Brasil. Modos de apropriação.” In: *X Congresso Internacional da ABRALIC*, 2006, Rio de Janeiro. Lugares dos discursos, 2006.

PAIVA, Wilson Paiva de. “A formação do homem no Emílio de Rousseau”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 33, nº 2, p. 323-333, maio/agosto, 2007.

QUINTALE NETO, Flávio. “Para uma interpretação do conceito de *Bildungsroman*.” In: *Pandaemonium Germanicum*, FFLCH - USP, São Paulo, v. 9, p. 185-205, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Difel, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.” In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SENA, André de. “*Mal du siècle*”. In: *Visões do Ultrarromantismo: melancolia literária e modo ultrarromântico*. Tese de doutorado em Teoria Literária. Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Natureza como paisagem: imagem e representação no segundo Reinado.” In: *Revista USP*, São Paulo, n.58, junho/agosto 2003, p. 6-29.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha - Esboço Biográfico: Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. CARVALHO, Mário César; SANTANA, José Carlos Barreto de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em 10 de Outubro 2013/
Aprovado em 19 de Janeiro 2014.